



## CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DOS CONTRACEPTIVOS DE EMERGÊNCIA POR UNIVERSITÁRIAS, PE, BRASIL

Felipe Cícero Pereira do Nascimento (1); Carina Scanoni Maia(2); Priscyla Rocha de Brito Lira (3); Gyl Everson de Souza Maciel (4); Luciana Maria Silva de Seixas Maia (5)

1,2,4,5 Universidade Federal de Pernambuco [pereirafelipe1311@gmail.com](mailto:pereirafelipe1311@gmail.com); [carina.scanoni@gmail.com](mailto:carina.scanoni@gmail.com)  
[gyl\\_everson@hotmail.com](mailto:gyl_everson@hotmail.com); [lumaiabr@yahoo.com.br](mailto:lumaiabr@yahoo.com.br); Enfermeira residente, [priscyla.lira@gmail.com](mailto:priscyla.lira@gmail.com)

**Resumo:** No Brasil, trabalhos mostram que a prevalência de uso dos métodos contraceptivos é elevada e sua utilização está fortemente associada com o nível de escolaridade, estilo de vida, comportamento sexual e fatores de risco associados. Dentre os diversos métodos contraceptivos orais disponíveis, o anticoncepcional de emergência vem apresentando uso crescente entre jovens. No entanto, como o próprio nome remete, o mesmo deve ser empregado de modo ocasional e em situações específicas, já que seu uso freqüente e indiscriminado pode comprometer a eficácia. Em virtude dos referidos riscos, o presente trabalho tem por objetivo avaliar o uso desse medicamento por universitárias. Foi elaborado um questionário buscando discutir no âmbito universitário o conhecimento e utilização de contraceptivos, com ênfase na pílula de emergência. Diante disso, foi realizado um trabalho com uma mescla de pesquisa e extensão na Universidade Federal de Pernambuco por meio de questionários e análise dos dados para 200 alunas. Quanto ao método contraceptivo utilizado com freqüência 23,6% afirmaram ter utilizado pílula diária, 14% afirmaram ter utilizado pílula de emergência; 12% afirmaram ter utilizado pílula e preservativo concomitante; 18% afirmaram ter utilizado apenas preservativo (camisinha); 27% afirmaram ter utilizado o método do coito interrompido; 3,6% afirmaram ter utilizado o anticoncepcional injetável e 1,8% afirmaram fazer outros, como por exemplo, o dispositivo intrauterino. Desse modo, uma abrangência maior de dados possibilitará a identificação, mais clara e precisa, das práticas que envolvem os hábitos contraceptivos de jovens, especialmente o uso da anticoncepção de emergência, que por sua vez tem tido dados crescentes no meio universitário.

**Palavras-chave:** Contraceptivos, Pílula de emergência, Universitárias

### INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. A mesma é manifestada ou expressa em forma de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos. Envolve, além do corpo, história, costumes, relações afetivas e culturais.(NEUMANN et al, 2011).

A sexualidade do ser humano tem importância incontestável na saúde física e mental. Na população jovem, os métodos mais utilizados são a pílula oral e o preservativo masculino, isoladamente ou combinados. Contudo, é essencial para o sucesso da contracepção a escolha adequada do método. Esta escolha é dependente da idade, relacionamento sexual estável, nível de cooperação entre os parceiros, eficácia, custo, acesso, conveniência, gravidez



proibitiva, estado de saúde e contra indicações. (FAÉ et al, 2011).

Não se pode negar que o ingresso em novos espaços e grupos sociais, como a universidade, acaba também por impactar em mudanças no comportamento sexual dos jovens, pois integrar as universidades representa oportunidade de se repensar os conceitos sobre a sexualidade. Dentre os diversos métodos contraceptivos orais disponíveis, a pílula de emergência (PE) vem apresentando uso crescente entre jovens (MOREIRA, 2011).

No entanto, como o próprio nome remete, o mesmo deve ser empregado de modo ocasional e nas situações específicas, já que existem outros métodos contraceptivos mais eficazes para uso contínuo. Em virtude dos uso crescente do PE entre jovens e os riscos envolvidos, o presente trabalho objetiva avaliar o uso desse medicamento por universitárias.

## **METODOLOGIA**

### **Local de Pesquisa**

A pesquisa foi realizada no município de Recife-PE (N-08° 03' 14"; W 34° 52' 52"), na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); com alunos dos cursos de Humanas, Saúde e Exatas.

### **População Estudada**

A população foi composta por 200 estudantes do sexo feminino, dos cursos de graduação da UFPE.

### **CrITÉRIOS de Inclusão**

1. Discentes do sexo feminino e maiores de idade, regularmente matriculadas em diversos cursos de graduação da UFPE;
2. Discentes que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### **CrITÉRIOS de Exclusão**

1. Discentes que não estavam presentes nos dias da aplicação dos questionários;
2. Discentes que não desejaram participar da pesquisa e/ou não assinarem o TCLE.

### **Instrumento de Coleta de Dados**

Após uma breve apresentação do projeto para as discentes, foram entregues questionários sem necessidade de identificação, porém, estruturados, previamente testados e dividido em três variáveis:: Indicadores sociais, Conhecimento sobre a Pilula de Emergência (PE) e Utilização da mesma.



## Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados e analisados quantitativamente utilizando o programa Software Excel 2010.

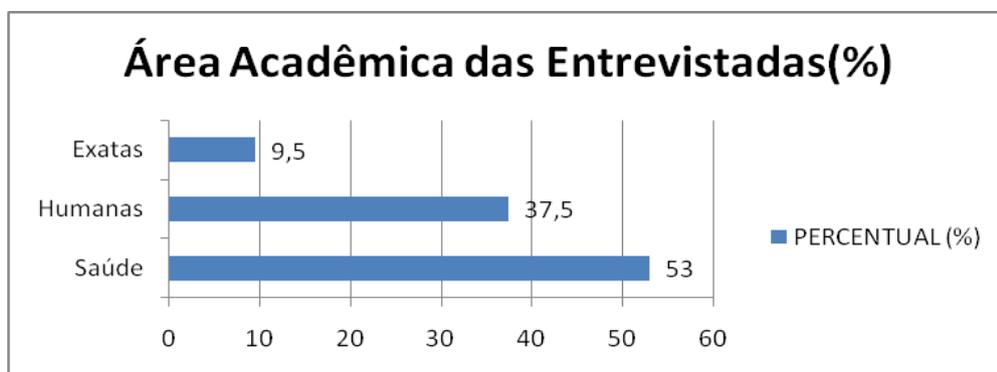
## Aspectos Éticos

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, observando as normas estabelecidas pela resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que descreve a pesquisa envolvendo Seres Humanos. As participantes foram informadas sobre os objetivos estabelecidos pelo estudo e assinaram o TCLE. As mesmas também foram asseguradas sobre o anonimato e sigilo das informações fornecidas.

Os dados coletados com o estudo estão disponíveis para acesso exclusivo do pesquisador e serão mantidos, por 05 (cinco) anos, em posse da coordenadora desta pesquisa, Professora Dra. Carina Scanoni Maia, no seguinte endereço: Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901 | Fone PABX: (81) 2126.8000. Após este período, serão descartados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne ao perfil das 200 universitárias entrevistadas, foi constatado que tinham idades entre 16 e 18 anos, 89% se declararam solteiras, 11% casadas ou morando com o conjugue, 36% nascidas em cidades do interior, 64% na capital ou região metropolitana, 2% relaram ter filhos e possuir renda familiar de até dois salários mínimos. Ao término da pesquisa, verificou-se que 53,2% estão matriculadas nos cursos da área de Saúde, 37,5% nos cursos de humanas e 9,3% nos cursos de Exatas (Figura 01).

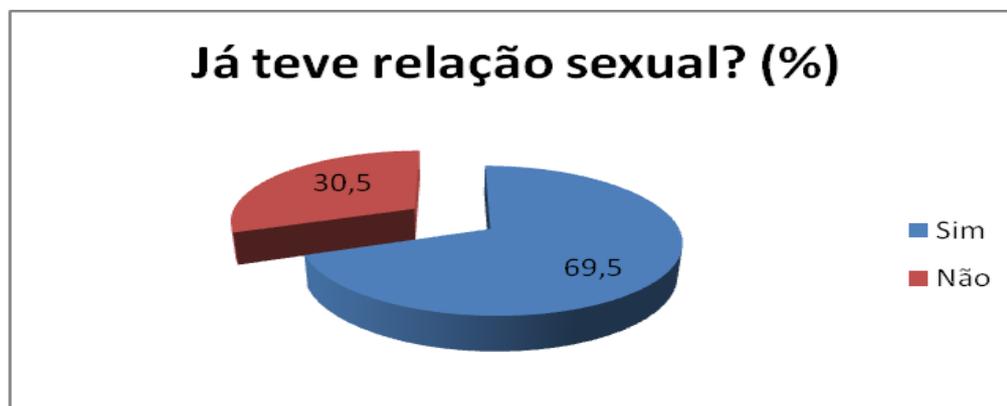


**Fig.1.** Percentual de universitárias das três áreas entrevistadas na UFPE.

Tais variações de percentuais nas três áreas decorreram da maior facilidade de acesso aos cursos de saúde e também do número de mulheres

matriculadas nas mesmas, geralmente, em menor quantidade na área de exatas. Quanto ao período cursado, 77% estão entre o 2º e o 4º período; 23% entre o 5º e o 10º período.

Quando questionadas se já tiveram relações sexuais, 69,5% afirmaram que sim e 30,5% afirmaram que não (Figura 02).



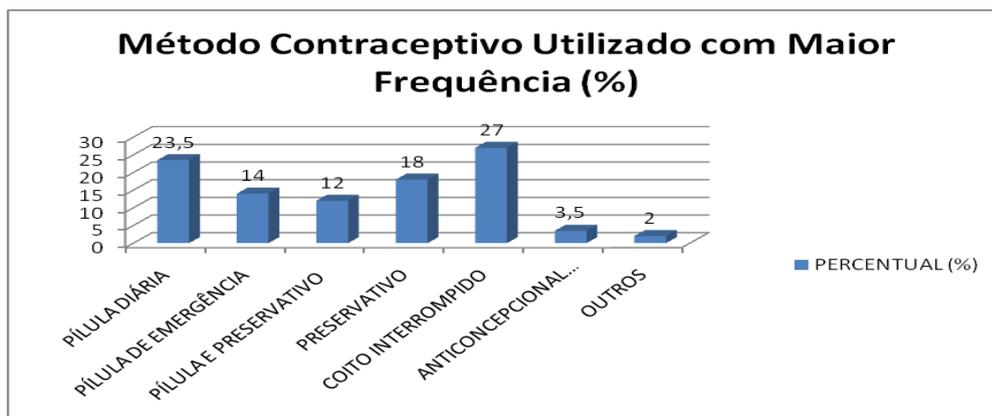
**Fig.2.** Percentual de universitárias da UFPE que declararam já terem tido relações sexuais.

Quanto a idade da primeira relação sexual, 19% afirmaram entre 12 e 14 anos de idade; 32% afirmaram ter sido entre os quinze e dezesseis anos de idade; 40% afirmaram ter sido entre dezessete e dezenove anos de idade e 9% com vinte ou mais.

No que concerne ao número de parceiros durante a vida, 37% afirmou ter se relacionado entre um e dois, 36% entre três e quatro, 9% entre cinco e seis rapazes e 18% afirmaram ter sido sete ou mais rapazes.

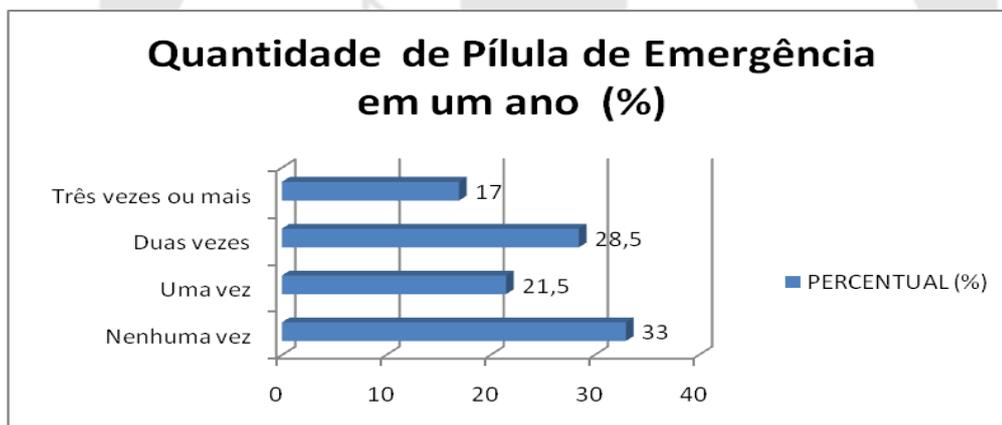
As que relataram experiência sexual, quando questionadas se já utilizaram algum método contraceptivo, 69,5% afirmaram que sim.

Quanto ao método contraceptivo utilizado com frequência 23,5% afirmaram ter utilizado pílula diária, 14% afirmaram ter utilizado pílula de emergência; 12% afirmaram ter utilizado pílula e preservativo concomitante; 18% afirmaram ter utilizado apenas preservativo (camisinha); 27% afirmaram ter utilizado o método do coito interrompido; 3,5% afirmaram ter utilizado o anticoncepcional injetável e 2% afirmaram fazer outros, como por exemplo, o dispositivo intrauterino (Figura 03).



**Fig.03.** Método contraceptivo utilizado com maior frequência pelas universitárias na UFPE.

Em relação à quantidade de pílula de emergência utilizada até um ano, 33% respondeu nenhuma vez; 21,5% afirmaram ter utilizado apenas uma vez e 28,5% afirmaram ter utilizado duas vezes e 17% afirmaram ter utilizado três vezes ou mais (Figura 04).



**Fig.04.** Quantidade de pílula de emergência tomada em até um ano pelas universitárias na UFPE.

Já quando foi perguntado como o PE age no organismo, 49% das entrevistadas responderam que não sabiam e que tomavam de forma inconsequente.

Com base nos resultados descritos acima, dois fatores se destacaram: o grande percentual de prática de coito interrompido e do uso da PE.

No que concerne a prática do coito interrompido, os nossos dados corroboram com os encontrados no ABC paulista por Pellini, Carvalho, Assis (2006) cujo percentual foi de 30,67%. Tais constatações são preocupantes, pois requerem um certo nível de conhecimento em fisiologia da reprodução e a maior frequência foi relatada por estudantes dos cursos de Humanas e Exatas.

Em relação ao uso do PE por um período de até um ano, nossos resultados diferem de um estudo realizado no estado de São Paulo por Ana Luiza, Elizabeth, Nichiata, (2007), cujo



percentual foi de 51,7% . Tal discrepância pode ser justificada pelo número superior de universitárias entrevistadas (550) universitárias e provavelmente, maior difusão das informações.

Segundo Borges; Schor (2005), o comportamento contraceptivo na juventude apresenta uma dinâmica própria, em que as opções pelo uso – ou não – de determinados métodos estão sujeitas a negociações entre os parceiros, tanto no início como ao longo de relacionamentos em que há envolvimento sexual. Tal comportamento tem sido descrito como repetidas vezes inconsistente, já que é, entre outros motivos, definido pelo perfil do relacionamento, ou seja, estável ou esporádico, com ou sem vínculo afetivo-amoroso.

Isso significa que, durante o namoro ou no momento em que o relacionamento caminha rumo à estabilidade, os jovens podem não sentir a necessidade de manter o uso do preservativo masculino como proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS havendo uma suposta confiança mútua e uma crença de que se encontram “invulneráveis” a infecções que possam ter adquirido antes do presente relacionamento. Nesta etapa do vínculo entre o casal, a preocupação pode estar mais direcionada à prevenção da gravidez propriamente dita, o que acarreta um aumento na taxa de uso da pílula anticoncepcional tradicional ou de emergência (PIROTTA, 2002).

Dessa forma, o perfil de uso de métodos anticoncepcionais modifica-se conforme a duração do relacionamento e também no estabelecimento de um novo relacionamento afetivo-amoroso. Nestes momentos de lacunas nas práticas contraceptivas, como na substituição de métodos contraceptivos dentro de um mesmo relacionamento ou no início de outro, pode haver situações em que métodos de baixa eficácia, como o coito interrompido, tabelinha, PE ou até mesmo o não uso de qualquer método prevaleça. Nesse momento, a PE, popularmente conhecida como pílula do dia seguinte, entraria como uma opção a ser adotada para a prevenção de uma gravidez não planejada. (BORGES; FUJIMORI; NICHATA, 2007).

No que concerne sobre como a PE age no organismo, nossos achados divergiram dos relatados por Modolou, et.al. (2011) numa pesquisa semelhante realizada no estado de Santa Catarina, onde apenas 13% não souberam responder à pergunta. Tal circunstância pode ser explicada pelo fato de que as entrevistadas na UFPE pertenciam a todas as três áreas, já a pesquisa feita no referido estado acima, foi apenas com estudantes da área de saúde.

As estudantes relataram ainda que a obtenção da PE ocorreu majoritariamente em farmácias, sem prescrição, orientação ou supervisão de profissionais da saúde. O fácil acesso a uma medicação sem prescrição médica, prática



muito comum no contexto brasileiro, aliado ao baixo preço relativo do produto no mercado, pode facilitar sua aquisição. Mesmo considerando que a facilidade na obtenção da PE é uma estratégia adotada em diversos países que consideram ser esse um elemento de fortalecimento na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos dos indivíduos (ROWLANDS et al., 2000; MOREAU et al., 2005; RAINE et al., 2005), não se pode negar que essas jovens estão traçando seu perfil contraceptivo e reprodutivo desvinculadas de uma assistência adequada por profissionais de saúde.

## CONCLUSÃO

Apesar de maiores de idade e cursar nível superior, foi constatado na presente pesquisa, que os métodos mais utilizados pelas 200 jovens universitárias da UFPE, principalmente quando se tinha uma relação mais estável, foram o coito interrompido e a pílula de emergência. Melhores resultados no que concerne aos conhecimentos reprodutivos, foram observados entre as universitárias dos cursos de saúde. No entanto, tais constatações chamam atenção pelos riscos de uma gravidez não planejada e a grande probabilidade de contrair diversas DSTs.

## REFERÊNCIAS

BORGES, A.L.V; FUJIMORI, E; HOGA, L.A.K. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: uso da anticoncepção de emergência. **Cadernos de Saúde Pública**, v.26, n.4, p. 1-11, 2010.

CORREA, S; ALVES, J.E.D; JANNUZZI, P.M. Direitos e Saúde Sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, S. (Org). **Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva**. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006.

COSTA, N.F.P; FERRAZ, E.A; SOUZA, C.T et al. Acesso à anticoncepção de emergência: velhas barreiras e novas questões. **Revista Brasil Ginecológica**, v. 30, n.2, p. 1-9, 2008.

FAÉ, A.S; SOMMACOL, L.F; HEINSEN, R.B et al. Planejamento familiar: escolhas contraceptivas e comportamento sexual entre alunas de uma universidade no sul do Brasil. **Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul**, v. 55, n. 2, p. 147-154, 2011.

HARDY, E; DUARTE, G.A; OSIS, M.J.D et al (1999). Anticoncepção de emergência no Brasil: facilitadores e barreiras. In: **Cadern Saúde Pública**, v.17, n.4, p. 1031-1035, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE / Secretaria de Política de Saúde / Área Técnica de Saúde da Mulher. Coordenador: Nelson Cardoso de Almeida e



Regina Coeli Viola. **Assistência em Planejamento Familiar**: Manual Técnico. 4ª edição. Série A: Normas e Manuais Técnicos; nº 40, Brasília, 2002.

MOREIRA,M.R.C; SANTOS,J.F.F.Q. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery**, v.15, n.3. p.558-566, 2011.

NEUMANN,A.F; NETO,F.R;RIO,C.L et al. Perfil da sexualidade feminina em universitárias de um curso de medicina de Santa Catarina. **Profile of female sexuality in medicine students from a course of Santa Satarina. Associação Catarinense de Medicina**, v. 40, n. 1, p. 23-7, 2011.

SANTOS,N.M.R; VALENTI,B; SILVA,M.L et al (2013) Fatores de risco que podem induzir o uso de drogas por estudantes de uma universidade pública, **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento**, v. 23, p. 1-6, Jul, 2013.

SILVA,F.C; VITALLE,M.S.S; MARANHÃO,H.S et al (2010) Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. **Caderno Saúde Pública**, v. 26, n. 9, p. 1821-1831, 2010 .

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e Práticas de Conciliação entre Família e Trabalho no Brasil. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.37, nº132, setembro/dezembro, 2007. p:573-594.

VIEIRA, E. M. Políticas Públicas de contracepção no Brasil. In: BERQUO, E. (Org.) **Sexo e Vida: panorama da Saúde reprodutiva no Brasil**, Campinas: Unicamp; 2003. p. 96-151.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000. Características gerais da população. **Resultados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

PIROTTA, K.C.M; SCHOR,N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. **Revista Saúde Pública** 2004; 38(4): 495-502.